



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

29 DE JANEIRO

CONSELHO NACIONAL DO  
EMPRESARIADO FRANCÊS.

PARIS — FRANÇA

DISCURSO NA ABERTURA SOLENE  
DA REUNIÃO EMPRESARIAL BRASIL-  
FRANÇA

Minhas Senhoras, meus Senhores:

É com viva satisfação que venho saudá-los na abertura desta Reunião Empresarial Brasil-França, iniciativa que, de forma auspiciosa, coincide com minha visita oficial à República Francesa.

Quando se verifica ser a França o oitavo parceiro comercial do Brasil, e o sexto, em termos de investimentos, reafirma-se a certeza de que temos ainda pela frente enorme potencial de expansão em ambos os campos. Existem condições para isso. Nossas economias são largamente complementares; acreditamos na eficiência da economia de mercado, produzida pela primazia da iniciativa privada no processo de desenvolvimento; e valorizamos a colaboração no que se refere aos fluxos de capitais privados para investimentos diretos. Acreditamos na importância da cooperação internacional no plano econômico, para evitar que posturas protecionistas e atitudes unilaterais terminem por prejudicar a todos.

O agravamento da situação econômica global deixa claro o caráter estrutural de uma crise que muitos pensavam transitória e indica que passamos a viver uma situação nova. A crise da economia mundial tem, em sua gênese, fatores relacionados com as tensões criadas por um intercâmbio desigual entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Para seu equacionamento eficaz e definitivo, faz-se indispensável uma reformulação abrangente e profunda no quadro normativo das relações entre os países do Norte e do Sul.

A estrutura de convivência entre o Norte e o Sul tem-se alterado apenas marginalmente. Ainda hoje, não permite a formação de bases de relacionamento consentâneas com o papel cada vez mais significativo desempenhado pelos países em desenvolvimento no conjunto da economia internacional.

A real integração do Terceiro Mundo na economia internacional só advirá de seu adequado acesso aos processos decisórios sobre as questões da vida econômica. A tentativa de preservar as estruturas de decisão sobre os fluxos internacionais de comércio, finanças e tecnologias só agravará a situação atual.

A reforma do sistema econômico internacional não será ato de benemerência, mas a reinterpretção do próprio jogo de interesses entre o Norte e o Sul.

Temos de passar da simples interação para um verdadeiro sentido de mutualidade. Do temor de mudanças que se pensam adiáveis, para o reconhecimento de que o desafio a enfrentar é o de administrar mudanças inevitáveis e já em pleno curso. Da crença, errônea, de que estamos todos a disputar lugares em espaço apertado e até decrescente, para a compreensão de que, juntos, Norte e

Sul serão capazes de ampliar imensamente os horizontes de progresso e desenvolvimento ao alcance de todos os povos.

Senhores,

Como país em desenvolvimento, o Brasil atribui a mais alta importância à intensificação de seu comércio exterior. Consideramos o intercâmbio com outros povos insumo importante de nosso próprio desenvolvimento, mas também nos orgulhamos da contribuição que temos dado à ampliação das trocas internacionais, como exportadores crescentemente competitivos e substanciais importadores de capital, serviços, equipamentos e tecnologia.

Não me parece de todo exagerado dizer que, em certo sentido, o Brasil constitui hoje, no plano econômico, um dos mais significativos parceiros de que o mundo industrializado dispõe no Terceiro Mundo.

Se é inegável que alguns países exportadores de petróleo podem apresentar cifras mais elevadas nos movimentos de suas contas comerciais, não é menos verdade que o Brasil ocupa posição singular pelo alto padrão de diversificação de suas relações com os grandes centros econômicos, na exportação como na importação, no comércio como nas finanças, nos serviços como nos fluxos de tecnologia.

Não é negligenciável o aporte que temos oferecido à sustentação da atividade econômica nos grandes países industrializados, neste momento de generalizadas dificuldades por que passa a economia mundial. Embora, como disse antes, nos orgulhemos de tal fato, temos consciência de que é muito o que podemos oferecer à comunidade internacional, pela amplitude de nosso mercado,

pelo dinamismo de nossa indústria e pelos imensos e muitas vezes inigualáveis recursos naturais ainda suscetíveis de incorporação às nossas atividades produtivas.

A plena realização do potencial produtivo brasileiro — que sempre haveremos de assegurar pelo nosso próprio esforço — será certamente facilitada, entretanto, se nossos principais parceiros souberem evitar a adoção, para com o Brasil, de atitudes protecionistas, apressadas e injustificadas.

Com efeito, existem setores do mundo industrializado que parecem ver no surgimento do Brasil como fornecedor relativamente dinâmico de manufaturados um fato preocupante e mesmo ameaçador, a justificar o pronto recurso a medidas restritivas.

Há, por vezes, quem chegue a apontar o Brasil como país praticamente «desenvolvido», como se a árdua e complexa luta pelo desenvolvimento econômico e social pudesse ser reduzida à expressão de relativo adiantamento do setor industrial de nossa economia.

Estamos empenhados em conseguir para o Brasil, no cenário econômico mundial, lugar à altura de nossas dimensões e potencialidades. Esse esforço, longe de configurar ameaça aos interesses de outras nações, constitui na realidade fator de ampliação das oportunidades de atividade produtiva para nossos parceiros, que não devem perder de vista ter o Brasil elevada propensão a importar não só bens e serviços, mas também capital e tecnologia, como antes assinalei.

Se o Brasil, portanto, está empenhado em ampliar sua participação nas trocas internacionais, em reforçar sua capacidade tecnológica e diversificar sua estrutura produtiva, não o faz com base na busca de vantagens

unilaterais. O que buscamos não são ganhos imediatos, mas sim parcerias estáveis e mutualidade de benefícios. Nosso compromisso com uma crescente integração à economia internacional reflete a vocação brasileira para a cooperação amistosa com outros povos, e expressa nossa consciência do muito que podemos fazer pela prosperidade global.

É nesse espírito que vimos enfrentando nossa parcela das dificuldades econômicas do atual momento. Duramente afetado por fatos alheios a nosso controle — como as tendências protecionistas, a elevação nos preços do petróleo, a inflação no mundo desenvolvido — o Brasil opta firmemente por uma estratégia anti-recessiva. Vemos na crise deste momento a oportunidade de ao mesmo tempo aperfeiçoar nossas estruturas e melhorar os termos de nossa inserção na economia internacional.

As soluções para nossas presentes dificuldades econômicas — na área da importação de petróleo, da inflação ou do endividamento externo — estão, com efeito, sendo encaminhadas de modo a assegurar ao País menor vulnerabilidade a fatores imprevisíveis de origem externa, mas sem prejuízo de uma reforçada vinculação com a economia internacional em termos mais estáveis e fecundos, para o Brasil assim como para seus parceiros.

Senhores,

As relações econômicas entre nossos países têm apresentado uma evolução positiva nos últimos anos. A satisfação com os resultados obtidos não deve, porém, impedir-nos de reconhecer que o intercâmbio bilateral está ainda longe de colocar-se à altura das potencialidades oferecidas pelo dinamismo e pujança das economias da França e do Brasil.

No que diz respeito, por exemplo, às exportações brasileiras para o mercado deste País, é patente a assimetria entre o bom desempenho das vendas de produtos primários e, de outra parte, o ainda insatisfatório percentual representado pelas vendas de manufaturados no cômputo global das exportações: só 25% do total das vendas brasileiras à França corresponde a produtos industrializados, quando já se eleva a quase 50% sua participação na pauta geral das exportações brasileiras.

Outra área importante do relacionamento bilateral, na qual se abrem amplas oportunidades, é a dos investimentos de capitais franceses no Brasil. As amplas e sólidas bases da economia brasileira, com seu mercado em acelerada expansão e nível considerável de industrialização, oferecem campo profícuo para uma intensificação de empreendimentos entre setores da iniciativa privada dos dois países. O Governo, assim como, estou certo, o empresariado brasileiro, só pode receber com satisfação uma presença mais expressiva de capitais franceses no esforço de desenvolvimento do Brasil.

As duas partes muito podem fazer para intensificar seu intercâmbio econômico, alargar seu alcance e diversificar sua composição qualitativa. Aos Senhores, como empresários, cabe papel central no desenvolvimento das relações Brasil-França. Estou certo de que, ao longo de seus trabalhos, saberão identificar novas oportunidades de intercâmbio mutuamente benéfico, e de delinear para cada uma das formas e modalidades mais adequadas de execução.

Desejo-lhes pleno êxito em suas tarefas, para que Brasil e França possam mais rapidamente realizar, em proveito de seus povos, os ideais de amizade e cooperação que a todos nos animam.